

Tempos vividos na Escola Militar: memórias de um aluno (1897-1900)

The vivid times in the Naval School: memories of the a student (1897-1900)

Maria Teresa Santos Cunha

* Doutora em Educação/História e Filosofia pela USP; Profa. do Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC
e-mail: mariatsc@gmail.com

Resumo

Este texto tem por objetivo problematizar, a partir da História da Educação, a importância de estudos sobre memória escolar, através da análise dos escritos de Lucas Alexandre Boiteux (1880-1966), historiador catarinense. Entre janeiro e junho de 1955, ele escreveu, no "Jornal do Comércio/RJ", uma série de oito (8) artigos intitulados Bordejós sobre meio século de Marinha, em que narrou suas memórias de estudante na Escola Naval do Rio de Janeiro. A partir desse material busca-se aprofundar conhecimentos sobre a cultura escolar da época que se fazem portadores/ produtores de sentido para a História da Educação Brasileira.

Palavras-chave

História da Educação. Cultura Escolar. Memória.

Abstract

The principal aim of this paper is the problematic related to the Cultural History of Education, the importance of studies about school memory, through the analysis of the writing of Lucas Alexandre Boiteux (1880-1966), who was a catarinense historian. Between January and June in the year 1955, he wrote in "Jornal do Comércio/RJ" one serie of 8 articles entitled Bordejós sobre meio século de Marinha, where he tells his memories as a student at the Naval School of Rio de Janeiro. From that material. on there is a search in order to deefen the notions of the school culture of the epoch, that make themselves porters/producers of sense for the History of Education.

Key words

History of Education. School Culture. Memory.

Ao escrever faz-se uma escolha como ao pintar. Escolhem-se palavras, frases, partes de diálogos, como se escolhem cores ou se determina a extensão e a direção das linhas. (JOSÉ SARAMAGO/ Manual de Pintura e Caligrafia)

O papel em branco, para muitos, pode causar pânico. Macular a página, pelo ato da escrita é também um ato de coragem, uma forma de exposição pública de idéias, uma ação imprevisível, já que muitas vezes é iniciada sem final previsto. A escrita é, igualmente, uma das maneiras de estar no mundo, uma forma de registro e refúgio do “eu” no mundo. Escreve-se pelos mais variados motivos; conversar, seduzir, informar, registrar, agradecer, pedir, segredar, contar-se, contar da vida pelas e com as letras.

Lucas Alexandre Boiteux, o protagonista deste estudo, pode ser considerado como um homem de letras¹. Um homem que viveu a escrita como uma necessidade vital haja vista a quantidade e a variedade de textos escritos (datilografados, manuscritos, muitos publicados outros ainda inéditos) que nos legou e que hoje vêm sendo cuidadosamente estudados em seu acervo privado, de posse do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina, localizado na cidade de Florianópolis e agora investigado nessa pesquisa. Mas, quem é este protagonista, apenas anunciado?

Lucas Alexandre Boiteux nasceu na cidade de Nova Trento (Santa Catarina), em 1880, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1966. Descendia pelo lado paterno, de suíços e franceses e, pelo lado materno, era de origem açoriana. Ingressou na Escola Naval, no Rio de Janeiro, em 1897, e seguiu a carreira militar na Marinha do Brasil até

chegar ao posto de Contra-Almirante, situação alcançada no ano de 1951. Celebrizou-se como autor de numerosas obras sobre a História de Santa Catarina, pertenceu a diversas entidades culturais como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a Academia Catarinense de Letras, notabilizando-se também como historiador de temas navais com vasta produção historiográfica. Desde 1911, passou a residir na cidade do Rio de Janeiro e, na então Capital Federal se fez articulista constante do “Jornal do Comércio”, no qual publicou, entre 1911 e 1959, cerca de 200 artigos², principalmente sobre história naval brasileira e história de Santa Catarina. Entre os meses de janeiro a junho de 1955, Lucas Alexandre Boiteux escreveu, no referido jornal, uma série de oito (8) artigos intitulados *Bordejós* sobre meio século de Marinha, nos quais apresentou suas memórias de estudante na Escola Naval, situada na Ilha das Enxadas, no Rio de Janeiro, no período entre 1897 e 1900. Essas memórias foram escritas e publicadas cerca de 60 anos após terem sido vivenciadas e nos permitem considerar o texto memorialístico aqui apresentado como uma construção que comporta imagens e referências, uma representação do passado, uma prática de escrita que pode ser considerada como “um dos meios para alcançar não só o tempo que passa, mas também uma representação estável de si” (HÉBRARD, 2000, p. 30). Assim, as análises das práticas de escritura memorialista apontam para uma interpretação perspectivada do passado, ao mesmo tempo em que ampliam as fontes para o estudo

da cultura escolar do período, considerando que

A escola é um lugar de memória. Quando o olhar pode atravessar a espessura do tempo, distingue vestígios reconhecíveis de sua história [...] O inventário e a evolução desses espaços, práticas e técnicas constituem um dos mais interessantes objetos da história e da etnografia escolar [...] A memória dos alunos foi assim uma memória tecida em função de perspectivas. (SOUZA, 2000, p. 7-8)

O trabalho com esse material autobiográfico tornou possível buscar evidências de como o autor viu e representou aspectos de sua formação escolar e, mais amplamente, examinar a relação entre o escrito e memória. Nos relatos feitos é possível encontrar algumas práticas cotidianas que caracterizavam uma cultura escolar de época que engloba toda “a vida escolar; fatos, idéias, mentes, corpos, objetos e condutas, modos de pensar, dizer e fazer” (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 69). A natureza desses documentos publicizados pelo jornal implica entendê-los como discursos que formalizam práticas e veiculam representações sobre elas (CHARTIER, 2005, p. 54).

Neste texto, a atenção estará centrada nas descrições feitas pelo autor que tratam do primeiro dia de aula – experiência de ruptura, transformação da criança/adolescente em adulto – nas reminiscências da rede de amizade bem como aspectos das aulas e dos professores, em torno dos quais é tecida a memória do autor. São marcas, rupturas, mudanças que despertam a necessidade de escrita para complementação da experiência vivida. Pode-se pensar que, ao escrever sobre sua vida escolar, Lucas

A. Boiteux tentou superar a fragilidade do presente e, ao mesmo tempo, arrojarse contraditoriamente para fora de si e assim, a nós, seus leitores do século XXI, é permitido pensar sobre uma “história dos desejos (não) consumados, dos possíveis (não) realizados, das idéias (não) consumidas” (SEVCENKO, 1989, p. 21).

Sobre o título / Bordejões...

A série de escritos Bordejões sobre meio de século de Marinha, que constitui o material principal de apoio para a construção desse texto, era sempre publicada às quintas-feiras, em uma periodicidade que variava de duas a três semanas no “Jornal do Comércio” do Rio de Janeiro, entre janeiro e junho de 1955.

Considerando-se o título como uma primeira cerimônia de apropriação da leitura, um vir-a-ser do texto, (CUNHA, 1999, p. 49) é bastante significativo a presença da palavra Bordejões titular o conjunto de textos memorialistas sobre sua vida escolar. A escolha deste termo – marítimo, por excelência – sinaliza um teor para seus escritos.

O verbo bordejar significa navegar mudando com frequência o rumo, segundo a direção do vento. Dessa forma, ele parece sinalizar que suas memórias não obedecerão, necessariamente, uma direção fixa, elas poderão vagar, daí não encontrar-se nessa escrita uma direção cronológica precisa. Embora o primeiro texto comece com a localização temporal: “Rompera anuviado o ano de 1897, que seria o de provação da turma de Aspirantes de segunda classe, matriculados no Curso prévio da nossa Escola

Naval”³, não se encontra nos demais textos essa preocupação em seguir uma cronologia precisa dos fatos. Homem do mar, viajante, seus textos, quer de caráter histórico, quer de caráter mais literário estão sempre a ele referenciados, como se pôde perceber pelo uso abundante de metáforas marítimas presentes em seus escritos: são dias anuviados, noites de proa, amigos de leme, horizontes políticos, por exemplo. Ele escreve de uma perspectiva minuciosamente descritiva como se estivesse posicionado em mirantes, colinas, varandas, mastros ou faróis, tendo como horizonte o mar.

Como toda escrita memorialista ela é lacunar, comporta o esquecimento; é polifônica e pressupõe uma intuição que opera escolhas e seleção. Ela foi desencadeada de um lugar e se situa no presente (a escrita se faz pela memória do presente e do ausente) daí ser uma representação escrita daquilo que foi vivido, rememorado pelo autor cerca de cinqüenta e oito anos depois de vivenciadas. Bordejando, Lucas A. Boiteux traz registros de um tempo, uma forma de ampliar e redimensionar o espaço escolar, agora lembrado com certo exercício de alteridade que cria possibilidades de “de poder descrever o outro sem que ele nos desalojasse necessariamente da nossa gramática e da nossa terminologia, nos forçasse a sair da nossa língua com o risco de ficarmos, talvez por muito tempo, sem palavras” (GAGNEBIN, 1992, p. 18).

Apesar do tempo passado, o Almirante Boiteux parece ter sido dono de uma memória prodigiosa. Além de fazer uma descrição física da Escola Naval (localização geográfica precisa, arquitetura escolar, espa-

ços disponíveis corpo administrativo, docente e discente) recorda, com detalhes, acontecimentos, nomes, características físicas e intelectuais de professores e colegas, preocupando-se em apontar a trajetória e indicando o rumo que cada um dos citados tomou na vida. Nestas memórias é possível encontrar relatos da dieta alimentar servida aos alunos da Escola Naval; organização do currículo escolar; maneiras (por vezes hilárias e picarescas!) como eram ministradas as aulas; o trote aos calouros; os apelidos dados; constrangimentos impingidos aos aspirantes. Na grande maioria das vezes, seu relato descontraído cruza a representação pormenorizada com fatos pitorescos que envolvem os personagens, todos seus colegas naquela instituição docente e militar.

Neste texto, em especial, três aspectos serão mais enfocados: as instalações físicas/arquitetônicas do prédio escolar na visão do memorialista, o “impacto” da chegada à escola através das lembranças de seu primeiro de aula na Escola Naval e o a descrição do trote aos calouros, densamente relatado e recriminado por Boiteux, que sinaliza para a cultura escolar daquele período. Privilegiar tais aspectos objetiva colocar em cena histórias de formação escolar/memórias escolares ainda pouco consideradas nos estudos educacionais, segundo LOPES E GALVÃO (2000):

Temas como a cultura e o cotidiano escolares, a organização e o funcionamento interno das escolas, a construção do conhecimento escolar, o currículo e as disciplinas, os agentes educacionais (professores, professoras, mas também os alunos e alunas), a imprensa pedagógica, os livros didáticos, etc. têm sido crescentemente

estudados e valorizados. Desloca-se, crescentemente, o interesse dos pesquisadores da investigação das idéias e da legislação educacionais para as práticas, os usos e as apropriações dos diferentes objetos educacionais (p. 40).

É importante destacar que é nesta perspectiva que o presente estudo se ancora, ou seja, encontra, na singularidade de um escrito aparentemente “ordinário”, um discurso, uma memória, uma história a contar. Importa considerar também que o acervo privado desse historiador catarinense, alvo maior desse Projeto de Pesquisa, vem abrindo muitas outras possibilidades de estudo⁴. A série Bordejós, por exemplo, antes de ser publicada no *Jornal do Comércio*, aparece dispersa em cadernos escolares que compõem o arquivo pessoal do historiador. Escrita em letra manuscrita, muito corrigida e alterada à mão, parece ter sofrido significativas mudanças antes de sua divulgação pública.

O Prédio escolar nas memórias do ex-aluno Lucas:

Desde o início do século XIX, com a criação da Academia Real Militar (1810), a preocupação com a formação militar foi assumindo um aspecto mais sistemático e foram se constituindo até finais do século XIX centros de difusão importantes do ensino científico no Brasil. A este respeito expressou-se, em alentado estudo, a historiadora da educação Cláudia Maria Costa ALVES (2002, p. 126):

A Escola Militar sintetizou, melhor do que qualquer outra instituição, determinados traços do panorama intelectual do período final do Império e inicial da República. A crença de que a ciência poderia apresentar

soluções seguras para os problemas humanos encontrava ali um campo de difusão preparado por um ensino tradicionalmente ligado aos conhecimentos científicos que estiveram na base de modernização das guerras e, conseqüentemente na formação militar, desde o século XVIII.

Segundo o minucioso histórico traçado pelo próprio Lucas em seus Bordejós, a Ilha das Enxadas, onde estava situada a Escola Naval:

abrigou uma casa para recolher pólvora, uma enfermaria destinada às guarnições da divisão naval inglesa, um hospital de lázaros e uma propriedade particular que foi vendida para o Ministério da Fazenda, em 1871. Esta propriedade foi transferida, em 1883, para o Ministério da Marinha, que ali instalou a Escola Naval.⁵

A educação militar era uma tradição na família de Lucas Alexandre Boiteux, cujo irmão também havia freqüentado a Escola Naval. Seus filhos recebiam nomes de grandes figuras militares, em geral comandantes, (Nelson, Norton, Yan, Bayard) e dois deles também seguiram carreira militar. O próprio Lucas mereceu o epíteto de historiador naval e tem obras sobre a participação de Santa Catarina em guerras, com descrições primorosas das estratégias militares, o que o qualifica como um detalhista na escrita de cenas. Esta característica está impregnada em suas memórias com a utilização de construções frasais longas, adjetivação abundante, vocabulário rebuscado e certa tendência laudatória. Isto pode ser observado tanto na descrição da arquitetura do prédio da Escola Naval quanto nos relatos da vida cotidiana da escola com seus colegas e professores.

Sobre o local do prédio escolar é possível destacar lembranças como: “Poucas

árvores, um belo tamarineiro, duas ou três figueiras bravas, algumas nogueiras, cercadas de assentos de cimento, e uma meia dúzia de coqueiros da Bahia, davam sombra e alegria à saudosa Ilha⁶.

O alojamento dos novos alunos-aspirantes foi descrito como um “amplo salão situado a leste do edifício [...] compartimento com janelas gradeadas [...] portas gradeadas⁷, janelas rasgadas para o quadrante leste e o de norte, grossas paredes e os indefectíveis mafuás ao gosto artístico dos diretores do estabelecimento⁸. A mesa do professor, as cadeiras alinhadas, as salas de aulas calorentas, os corredores mal iluminados, os horários delimitados, a separação dos alunos em classes por faixa etária, e até o galinheiro, o chiqueiro e a pequena horta constantemente depredadas, faziam parte da própria arquitetura escolar e constituem monumentos com significações disciplinares, por onde não se podia andar despreocupadamente e, sobre elas, reafirma o memorialista: “As construções existentes, em 1897, que retenho ainda de memória e poderia delas fazer um tosco levantamento, seriam com algumas remodelações, as primitivas. e os dias foram passando⁹”.

Todos estes elementos descritos estão a demonstrar que havia uma organização escolar objetivada na descrição dos móveis e visível na sua disposição em sala de aula; na racionalização do tempo expressa pela fixação e controle dos horários de aula e da divisão dos espaços. O relato, enfim, coloca em destaque algumas características que expressavam uma “essência” moderna da instituição educativa notadamente a divisão dos alunos por faixa etária sinali-

zando para uma “possibilidade de homogeneização dos alunos a partir da graduação do ensino”(FARIA FILHO, 2000, p. 33).

O primeiro dia de Escola e o trote nos calouros

O dia da chegada à nova Escola, a preparação para esta chegada, a montagem do enxoval, os primeiros contatos com os futuros colegas são ritos de iniciação e no fluxo das memórias têm destaque especial. Lucas Boiteux escreve muito sobre este período; ouso ter a impressão que poderia ser uma forma de “exorcizá-lo”, haja vista uma sensação de desamparo que a leitura dessa parte das memórias causa. Faz lembrar a historiadora que alerta sobre este momento, “a alegria desaparecia diante de qualquer coisa grave e terrível que se criava, porém, assim que se cruzava o portão da escola. O desamparo se instalava no fundo da alma de cada um, diante da suspeita de algo terrível que ainda não se sabia, mas que se viria logo a saber: a transformação da criança em adulto” (SOUZA, 2000, p. 8-9). Aqui se pode encontrar a transformação gradativa do adolescente em adulto.

Sobre este período as memórias são caudalosas. Vão desde a expectativa da publicação dos nomes dos selecionados nos jornais da cidade “cujas relações as folhas diárias faziam questão de publicar e nós de comprovarmos¹⁰, à compra e encomenda dos enxovais e, muito especialmente, as reações sobre esta experiência significativa que definia a entrada na Escola Naval, cujo terror era o “trote aos calouros”.

Segundo Boiteux, a turma de aspirantes de 1897 era composta de 86 jovens

qualificados como débeis criaturinhas que vinham lutar pela vida¹¹ e que recebeu o apelido de 'Briosa'. Sobre a faina do preparo dos enxovais e do uniforme, que antecedia a entrada naquele ambiente escolar e era condição obrigatória para ser admitido, o autor conta:

[...] os alfaiates Ziegler e Riecken se afaidigavam. A fábrica de malas Marinho, da rua Sete de Setembro, não tinha mãos a medir no preparo de duas malas retangulares. Tínhamos que providenciar a compra de uma cama de ferro, um colchão, um travesseiro de capim ordinário, uma resma de papel almaço e um botijão de tinta azul "Sardinha" para o expediente da Secretaria.¹²

A espera para o início efetivo das atividades escolares recebe do memorialista expressões de júbilo, expectativa e desconfiança expressas em termos como "nadávamos em contentamento"; "vibrávamos em unísono"; "estavam todos mais ou menos nervosos, para culminar com a viagem até as dependências da Escola Naval onde "embarcaram todos, sobre as malas e areboque de uma das lanchas a vapor do estabelecimento rumaram para a Ilha das Enxadas"¹³.

Após a chegada na Ilha das Enxadas, o autor apenas enumera, sem entrar em maiores detalhes, a seqüência de atividades daquele momento: "Recebemos nesse 1º dia as instruções necessárias sobre a vida escolar: dependências do estabelecimento, limites de recreio, sala de estudos, alojamentos, aulas, horários, ranchos, formaturas, revistas e outras ordens em vigor"¹⁴.

Nas memórias de Boiteux, a alegria inicial, a vibração conjunta pelo começo de uma nova etapa da vida escolar parecia

desaparecer após o cruzamento da porta gradeada do alojamento. De todo o conjunto de textos (totalizando seis artigos publicados), o autor dedica três deles a falar sobre o cotidiano com os colegas na escola e, muito especialmente, relatando minuciosamente a prática do trote aos calouros, em que os alunos mais velhos submetiam os mais novos a sevícias, rasteiras incivilidades, remoques chulos, brutesas sádicas, ofensas, humilhações, tudo relatado como práticas crudelíssimas e desumanas, nas suas próprias palavras. É a parte do texto memorialístico mais destacado, o que permite pensar como isso deixou marcas a ponto de ser rememorado cinqüenta e oito anos após ter acontecido. Segundo o autor, "o trote ou aporrinhão (assim chamado na Escola Militar Naval) era admitido em todos os estabelecimentos de ensino superior, embora aceito com bastante repugnância pelos bichos ou calouros, como é natural"¹⁵. Ele registra em pormenores a primeira surpresa desagradável ocorrida logo no primeiro dia de aula, após o desembarque na Ilha das Enxadas e que foi longamente relatada:

Ao chegarmos no alojamento, amplo salão situado à leste do edifício, a fim de armarmos nossos leitos, sofreremos grande decepção; os veteranos iludindo a vigilância do pessoal de serviço, haviam dado um grande benefício em nossa bagagem, tinham desarticulado todas as camas, amontoado ao léu nossos colchões e travesseiros e sacolejado copiosamente as malas antes de empilhá-las a um canto. Quando as abrimos para retirar lençóis, fronhas, toalhas e camisolões (os pijamas ainda não tinham entrado em uso) sofreremos novo choque: tudo revolvido, frascos

de dentífrico, da loção, de tinta derramados, roupas brancas manchadas Verdadeiro desastre! Houve lamentos, pragas. Para quem apelar?¹⁶

Dando seqüência ao relato dos primeiros dias na escola e as cerimônias de iniciação pelas quais o calouro deveria passar, conta o narrador:

As primeiras noites dormidas na escola foram de verdadeiro sobressalto. Os veteranos invadiam furtiva e cautelosamente o dormitório dos calouros. Cometendo toda sorte de diabruras e perversidades: viravam e trocavam as malas. Destrambelhavam as camas, pintavam a cara de uns, arebataavam as cobertas de outro, aplicavam violentas palmadas aos que dormiam.¹⁷

De certo modo, pode-se pensar que este tipo de “socialização” realizada pela Escola poderia ter efeitos inesperados, uma vez que o próprio narrador finaliza esta parte de suas memórias, admitindo que:

É um interessante tributo que paga a bisonhice de novato; é um processo de adaptação mais ou menos rápido ao ambiente escolar e de incorporação à turma. Revela e define índoles, modalidades de temperamento, caracteres. Torna-se quase sempre, é bem verdade, a origem das amizades, de indiferenças e também de incompatibilidades futuras, pois o trote depende sobremaneira, do processo, da habilidade de aplicá-lo e também da situação, no momento, e do temperamento e da educação de quem o recebe.¹⁸

Fazendo parte de uma cultura escolar da época, o trote aos calouros criava situações de adesão e crítica e, de sua violência e parcialidade advinha o efeito de fazer tanto os indivíduos internalizarem a cultura quanto torná-la objetiva; criava assim possibilidades múltiplas de os indivi-

duos se posicionarem de diferentes formas em relação a ela (SOUZA, 2000, p.30).

Ainda sobre o cotidiano escolar aparecem muitas outras descrições sobre a mesa empoeirada do professor, os professores negligentes, os conteúdos ministrados e, ao final, a confissão de que a hierarquia e a ordem comumente associadas às práticas do ensino militar devem ser relativizadas, pois que “apesar de tratar-se de uma escola militarizada (...) a justiça era uma coisa que só existia ali no nome”.¹⁹

No último artigo da série Bordejos²⁰ publicado no Jornal do Comércio, Lucas ABoiteux encerra suas lembranças escolares apontando para as trajetórias de seus colegas e é perceptível a nostalgia com que o faz como a criar um passado com o qual pudesse conviver:

Nem todos, os 86 que éramos, logravam, infelizmente, a meta almejada. E pouco a pouco a turma foi se despovoando melancolicamente. Hoje, cinquenta e oito anos volvidos, um terço ainda, rijo e forte à mercê dos céus, alonga a vista enevoada por lágrimas esquivas, para o passado remoto pejado de esperanças que se evaecem, no sol-pôr da vida.

Há um tom melancólico em suas palavras finais, a escola habita a memória e a memória se decanta nos lugares em que vive e, para o historiador, isso funciona como um ponto de partida, um despertar, uma esperança, uma possibilidade de novas leituras para inventar outros presentes.

É possível considerar que certa nostalgia por épocas passadas se explique pelo fato de que, a distância, sempre projetem uma imagem já atualizada pelas vivências posteriores aos fatos relatados. Os Bordejos

se caracterizam como uma via importante para conhecer práticas e saberes escolares pela via da memória de um homem de letras. Com linguagem rebuscada, idílica e certamente idealizada, Boiteux deixa confirmação de sua existência, constrói uma imagem para si próprio e para os outros, além de evidenciar aspectos da história da educação já escolarizada nos finais do século XIX.

As memórias oferecem novas e interessantes possibilidades para iluminar aspectos da cultura escolar em que foram socializados futuros militares. As descrições permitem reconhecer valores, crenças e visões de mundos singulares que contribuíam para a formação escolar de um dado perfil profissional. Ao mesmo tempo, tais relatos alimentam o empenho de continuar localizando, reunindo e selecionando documentos que ajudem a iluminar aspectos da educação escolarizada no Brasil e assim buscar novas e outras indagações sobre a vida, a escola, a vida na escola e a escola em nossas vidas (MIGNOT, 2003). O caráter efêmero (veiculadas em velhos jornais) e o desprestígio que tais escritas suscitam (destinadas, quase sempre, ao fogo e/ou ao lixo) dificultam sua conservação e podem explicar seu relativo esquecimento. Daí a importância do historiador em torná-las visíveis como expressão e como veículo de um tempo e um lugar social.

Notas

¹ Estou tomando como referência o estudo de Giselle Martins Venancio que, a partir de R. Chartier, afirma “ao analisar como, durante o século XVII, alguns intelectuais definiram os homens de letras,

Chartier demonstrou que os letrados foram caracterizados como indivíduos voltados para o estudo, a escrita, a leitura e a vida em gabinetes” (In: BASTOS, M.H.C; CUNHA M.T.S. e MIGNOT, A.C.V. Destinos das letras. História, Educação e Escrita Epistolar. Passo Fundo: 2002. p. 218.)

² A obra historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux, publicada no Jornal do Comércio foi levantada por Cunha, M.T.S. A produção historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro – 1911-1959. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, 1982.

³ Bordejos sobre meio século de Marinha/ Jornal do Comércio/ RJ, 16/1/1955.

⁴ O acervo está depositado no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em Florianópolis e nele encontram-se muitos documentos como, pastas com artigos, bilhetes, recortes, anotações pessoais manuscritas em cadernetas, folhas avulsas, cartas recebidas, além de um imenso acervo fotográfico que já foi alvo de um trabalho, disponível em www.imagensdeumpresente.udesc.br.

⁵ BOITEUX, L.A. Bordejos sobre meio século de Marinha. Jornal do Comércio: RJ, 16/1/1955.

⁶ Idem.

⁷ BOITEUX, L.A. Bordejos sobre meio século de Marinha. Jornal do Comércio. RJ, 30/1/1955.

⁸ Idem

⁹ Idem

¹⁰ BOITEUX, L.A. Bordejos sobre meio século de Marinha. Jornal do Comércio. RJ, 16/1/1955

¹¹ Idem, 30/1/1955

¹² Idem

¹³ BOITEUX, L.A. Bordejos sobre meio século de Marinha. Jornal do Comércio. RJ, 13/2/1955.

¹⁴ BOITEUX, L.A. Bordejos sobre meio século de Marinha. Jornal do Comércio: RJ, 30/1/1955.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

¹⁷ BOITEUX, L.A. Bordejos sobre meio século de Marinha. Jornal do Comércio. RJ, 13/3/1955.

¹⁸ BOITEUX, L. A. Bordejos sobre meio século de Marinha. Jornal do Comércio. RJ, 13/2/1955.

¹⁹ Idem.

²⁰ BOITEUX, L. A. Bordejos sobre meio século de Marinha. Jornal do Comércio. RJ, 5/6/1955.

Referências

- ALVES, Claudia Maria C. Cultura e política no século XIX: O Exército como campo de constituição de sujeitos políticos no Império. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. Bordejós sobre meio século de Marinha. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. (16/1; 30/1; 13/2; 13/3; 24/4; 5/6/1955).
- CHARTIER, Roger. Pluma de ganso. *Libro de letras, ojo viajero*. México: Universidad Iberoamericana, 2005.
- CUNHA, Maria Teresa S. Armadilhas da sedução. Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- _____. A produção historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro (1911/1959). Florianópolis, 1982. Dissertação de Mestrado (História) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- FARIA FILHO, Luciano M. Dos pardieiros aos palácios. Cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Passo Fundo: UPF, 2000.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. O início da História e as lágrimas de Tucídides. *Margem/ Narradores e Intérpretes*. São Paulo: Educ, n.1, 1992.
- HEBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias. A escrita pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, A.C.V., BASTOS, M.H.C. e CUNHA, M.T.S. *Refúgios do Eu. Educação, História e Escrita Autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p. 29-61.
- LOPES, Eliane Marta T. e GALVÃO, Ana Maria O. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MIGNOT, Ana Christina V. *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: UERJ/Rede Sirius. 2003.
- SARAMAGO, José. *Manual de pintura e caligrafia*. Lisboa: Moraes Editora, 1977.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. *Escola e memória*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.
- VENANCIO, Gisele Martins. Sopros Inspiradores. Troca de livros, intercâmbios intelectuais e práticas de correspondência no arquivo privado de Oliveira Vianna. In: BASTOS, Maria Helena C.; CUNHA, Maria Tereza S. e MIGNOT, Ana Christina.V. (Orgs). *Destinos das letras. História, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p.217-41.
- VIÑAO FRAGO, A. Historia de la educación e historia cultural. *Revista Brasileira de Educação*. v.1, n. 0, p. 63-82, set/dez 1995.

Recebido em 30 de abril de 2008.

Aprovado para publicação em 26 de maio de 2008.